

As significações do texto coletivo no processo alfabetizador de jovens e adultos do Cedep/Paranoá e Itapoã – UnB

Renato Hilário dos Reis
Maria Clarisse Vieira
Guilherme Veiga Rios
(organizadores)



EDITORA



UnB



Universidade de Brasília

**Reitora
Vice-Reitor**

Márcia Abrahão Moura
Enrique Huelva

EDITORA



UnB



UnB | BCE

**Diretora da Editora
UnB**

Germana Henriques Pereira

**Diretor da Biblioteca
Central**

Fernando César Lima Leite

**Comissão de
Avaliação e Seleção**

Alex Calheiros
Ana Alethéa de Melo César Osório
Ana Flávia Lucas de Faria Kama
Ariuska Karla Barbosa Amorim
Camilo Negri
Evangelos Dimitrios Christakou
Fernando César Lima Leite
Maria da Glória Magalhães
Maria Lídia Bueno Fernandes
Moisés Villamil Balestro

**As significações do texto
coletivo no processo
alfabetizador de jovens e
adultos do Cedep/Paranoá e
Itapoã – UnB**

Renato Hilário dos Reis
Maria Clarisse Vieira
Guilherme Veiga Rios
(organizadores)



EDITORA



UnB

Coordenadora de produção editorial
Projeto gráfico e capa
Diagramação

Equipe editorial

Luciana Lins Camello Galvão
Wladimir de Andrade Oliveira
Ruthléa Eliennai Dias do Nascimento

Portal de Livros Digitais da UnB
Coordenadoria de Gestão da Informação Digital

Telefone: (61) 3107-2687

Site: <http://livros.unb.br>

E-mail: portaldelivros@bce.unb.br



Este trabalho está licenciado com
uma licença Creative Commons [Atribuição-
NãoComercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

S578 As significações do texto coletivo no processo alfabetizador de jovens e adultos do Cedep/Paranoá e Itapoã – UnB [recurso eletrônico] / Renato Hilário dos Reis, Maria Clárisse Vieira, Guilherme Veiga Rios (organizadores). Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2020.
147 p.

Inclui bibliografia.

Formato PDF.

ISBN 978-65-5846-022-0 (e-book).

1. Educação de jovens e adultos. 2. Idosos - Educação. 3. Trabalhadores - Educação. I. Reis, Renato Hilário dos (org.). II. Vieira, Maria Clárisse (org.). III. Rios, Guilherme Veiga (org.).

CDU 376

SUMÁRIO

	PREFÁCIO	10
	DIALOGANDO COM O CAPÍTULO I	12
	CAPÍTULO I	16
O texto coletivo como instrumento político-pedagógico		
	DIALOGANDO COM O CAPÍTULO II	30
	CAPÍTULO II	33
Procedimentos metodológicos: o caminho percorrido		
	DIALOGANDO COM O CAPÍTULO III	54
	CAPÍTULO III	57
Análise das experiências e resultados		
	DIALOGANDO COM O CAPÍTULO IV	117

CAPÍTULO IV
Considerações finais **124**

REFERÊNCIAS **137**

SOBRE OS AUTORES **139**

Autoria: Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos Históricos Culturais (Genpex)

Relação de autores e autoras:

Renato Hilário dos Reis – Coordenador-pesquisador;
Ângela Dumont Teixeira - Pesquisadora;
Janaina Segatto Menezes – Pesquisadora;
Marina de Santana Corrêa – Pesquisadora;
Wagner Pereira da Silva – Pesquisador;
Eva Lopes Sampaio – Alfabetizadora – Cedep/Paranoá;
Dione Mascena de Matos- Alfabetizadora – Cedep/Paranoá;
Eliane Pereira da Silva - Alfabetizadora – Cedep/Itapoã;
Educandos(as) - Cedep/Itapoã;
Maria Creuza Evangelista de Aquino – Coordenadora Cedep/Itapoã;
Maria de Lourdes Pereira dos Santos – Coordenadora Cedep/Itapoã;
Thiago Oliveira Nunes – Pesquisador;
Betania Oliveira Barroso – Pesquisadora;
Nirce Barbosa Castro Ferreira – Pesquisadora;
Vânia Olaria – Pesquisadora;
Julieta Borges Lemes Sobral – Pesquisadora;
Ingrid Morais Gibbons Prahll – Pesquisadora;
Francinete Sousa da Silva – Pesquisadora;
Cléssia Santos – Pesquisadora;
Maria Clarisse Vieira – Pesquisadora;

Bruna Ferraz – Pesquisadora;

Sttela Pimenta Viana – Pesquisadora;

Luciana de Oliveira Pinto – Pesquisadora.

O Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos Históricos Culturais (Genpex), tendo em vista cultura própria de escrita, em consenso, optou pela utilização do gênero feminino em toda a construção textual.

DIALOGANDO COM O CAPÍTULO IV

Prezada leitora/ educadora,

Ao longo do livro, você leu, interagiu e se apropriou de uma investigação cuja natureza é coletiva. Certamente, é algo desafiador percorrer as páginas deste livro e se aventurar nas sendas de uma pesquisa que visa contribuir para o reconhecimento da Educação de Jovens e Adultos (EJA) enquanto campo que possui pessoas marcadas por especificidades culturais e pelo pertencimento à classe trabalhadora! Parte-se do princípio de que a EJA, enquanto modalidade de Educação Básica carece de políticas públicas de formação inicial e continuada para as educadoras. Nesse aspecto, este trabalho sobre o texto coletivo traz uma contribuição ao fortalecimento das ações pedagógicas e metodológicas que permeiam o processo de educação de jovens e adultos. O presente capítulo remete às considerações finais da elaboração do texto coletivo de forma sistemática, bem como à significação do mesmo no processo alfabetizador vivenciado pela experiência de Educação Popular de jovens e adultos no Paranoá/Itapoã – Cedep/UnB.

A produção de texto coletivo emerge com base em um diálogo mediado pela educadora, mobilizando as educandas a se expressarem acerca das situações –problemas–desafios que lhes interessam. Este é o ponto de partida, que provoca o dessilenciamento de cada educanda, além da construção de um vínculo afetivo em que todas são acolhidas umas pelas outras e respeitadas em suas singularidades (REIS, 2011). Simultaneamente às falas das educandas em sala de aula, a educadora faz o registro da oralidade das educandas em escrita, de forma que uma produção textual coletiva é elaborada conjuntamente.

Esse processo desencadeado com o texto coletivo transforma as educandas no âmbito cognitivo-afetivo-social, pois o trabalho de alfabetização/educação de jovens e adultos tem como base a integralidade da pessoa, a partir da interação entre a história de vida de cada uma e suas condições objetivas e subjetivas que permeiam o processo de aprendizagem.

Vale ilustrar as etapas para a elaboração de um texto coletivo, a partir da experiência do Cedep/UnB – Paranoá/Itapoã, assim descritas na figura 1 (ver página 120).

O trabalho de alfabetização desenvolvido Cedep/UnB tem uma fundamentação que se baseia numa relação praxica (FREIRE, 1987). O sentido da produção do conhecimento é possibilitar a transformação individual e coletiva. Nessa perspectiva, as diversas áreas do conhecimento se relacionam com as situações-problemas-desafios, a fim de contribuir e desencadear a produção de conhecimentos, que em sua natureza contribuam para a transformação e transformativamente com a melhoria da sociedade.

Cinco perguntas das entrevistas desenvolvidas foram retomadas, a partir da pesquisa realizada por estudantes e professoras do Genpex/FE/UnB, educandas e educadoras do Cedep/Paranoá/Itapoã, que abordam os seguintes tópicos: a compreensão do texto coletivo no processo alfabetizador do Cedep/Paranoá/Itapoã, as etapas/passos do processo de elaboração do texto coletivo, textos coletivos utilizados em sala de aula, a relação entre o texto coletivo e as diversas áreas do conhecimento e as sugestões de aprimoramento da utilização do texto coletivo no processo alfabetizador do Cedep/UnB no Paranoá/Itapoã.

Tais questões sintetizam o movimento investigativo, deixando evidente que no decorrer do processo da educação de jovens e adultos do Paranoá/Itapoã – Cedep/UnB há uma ênfase na construção do texto coletivo com base na escuta elaborante realizada pelas pesquisadoras.

Figura 1: Etapas para a elaboração de um texto coletivo



Este fato ressalta o movimento prático de acolhida do outro através da dialogia/dialética. A oportunidade que se dá para o outro se fazer ouvir em um ambiente dialógico, amoroso, caloroso, rompendo silêncios opressores, compartilhando histórias e anseios traduz uma pedagogia transformadora e um consequente empoderamento afetivo-amoroso-político e epistemológico do sujeito. Esse ideário de coletividade rompe radicalmente com a lógica segregadora/capitalista que permeia as relações humanas no âmbito das instituições escolares. Essas ações evidenciam a importância das mudanças nas relações de poder-saber-acolher, considerando o nível micro-macro e da ação-palavra.

O papel relevante da palavra assume uma dimensão importante quando consideramos o sujeito falante enraizado num mundo concreto. A associação do processo de escolarização ao fortalecimento das identidades no processo de construção do texto coletivo, dando voz ativa ao sujeito silenciado, converge com a proposição de uma constituição mais ampla do sujeito.

A educação de jovens e adultos precisa fugir da lógica competitiva e individualista em seus processos, pois a aprendizagem escolar deve vir acompanhada da crença na capacidade autônoma de cada sujeito, na afirmação da sua identidade cultural, contribuindo, assim, para a constituição de sujeitos amorosos, políticos e epistemológicos. Essa pesquisa materializa, no chão concreto de uma dada realidade, esse ideário.

Podemos destacar que o texto coletivo como elemento pedagógico produzido pelas educandas e educadoras pode romper com esse ideário de separação entre o sujeito e objeto, entre os saberes científicos e a vida concreta, conforme Freire e Shor (1986) destacam: “O currículo padrão, o currículo de transferência é uma forma mecânica e autoritária de pensar em como organizar um programa, que implica, acima de tudo, numa tremenda falta de confiança na criatividade dos estudantes e na capacidade dos professores!” (FREIRE; SHOR, 1986, p. 97).

Diante disso, quando uma alfabetizadora participante desse processo de produção do texto coletivo no Cedep/UnB – Paranoá/Itapoã diz que antes desse aprendizado “ficava muito apegada aos livros” (Eliane), isso mostra como esse processo desencadeador do texto coletivo proporciona a transformação da prática cotidiana da educadora numa perspectiva emancipadora e criativa.

Compartilhamos da ideia de que nos constituímos na/com a práxis, sendo que sujeito e objeto não se separam, e a relação dialética entre teoria e prática é indispensável, o oposto do pensamento disjuntivo/reductor

que simplifica a vida e os sujeitos. Admitir os paradoxos, as incertezas e a complexidade que permeia a vida é aceitar a nossa condição humana, que cresce com o conflito e sua superação. A atuação humana só tem sentido em uma perspectiva transformadora, pois quando permanecemos na condição de submissão, não avançamos humanamente.

Vale remeter à compreensão do texto coletivo no processo educativo do Cedep/UnB – Paranoá/Itapoã, a partir do depoimento de uma educadora que participou desse processo, quando a mesma diz: “[...] *os alunos se interessam mais porque estão falando de alguma coisa... algo deles, que eles vivenciam [...] dão a opinião deles, [...] falam o que acontece na comunidade, [...] ficam mais interessados, pois eles veem que foram eles que fizeram o texto*”. (alfabetizadora entrevistada do Cedep – Dione Mascena de Matos).

[...] somos escritores da nossa própria vida, do nosso dia a dia. Nossa palavra também tem preço, não é? Pode não ter preço para uma pessoa que não está dando importância, mas para a gente tem preço e aquele texto é unicamente nosso. Ninguém mais no mundo tem esse texto [...] (fala da Dione)...

[...] As cabeças baixas que eles chegaram não abaixam mais. Os olhos [...] sem nenhuma direção, [...] tem agora foco, direção, voz, vez e ação [...] (fala da Eva).

Os elementos trazidos pelas discussões das situações-problemas-desafios emergidas na comunidade do Paranoá/Itapoã com todos os envolvidos nesse processo vão de encontro à adequação do indivíduo aos valores hegemônicos, trazendo uma necessidade intrínseca de

transformação de uma realidade estruturada pela injustiça. Os embates que nos permeiam são constantes, e nossa batalha torna-se permanente.

Os diálogos, que poderiam recair em uma visão pessimista e conformadora da realidade, seguem outro movimento ao acreditar na importância das relações humanas, em que nos constituímos mutuamente.

Acreditamos na construção coletiva da democracia participativa (vez, voz e decisão) e que podemos fazer revolução nas nossas iniciativas individuais e coletivas. A superação do capital está na natureza das nossas ações e nas intervenções nos espaços em que atuamos, a partir de uma perspectiva transformadora.

A dimensão do amor no fazer pedagógico e na dialogia/dialética assume um caráter revolucionário, rompendo com a coisificação dos sujeitos. A afetividade impregnada na palavra-ação e ação-palavra faz toda a diferença na constituição de sujeitos amorosos. Na relação dialógica, a empatia e a criação de vínculos são fundamentais, e a capacidade das pesquisadoras de se colocarem no lugar do outro demonstra um desenvolvimento imprescindível nesse processo.

A dialogicidade como epistemologia tão fundamental na Educação de Jovens e Adultos é o cerne central de todo e qualquer trabalho pedagógico e político. A questão não é só conversar por conversar, mas sim para transformar a si próprio e a realidade opressora que nos rodeia. Comungamos com as ideias de Freire (1987) ao negar esse determinismo perverso a que os “marginalizados” da sociedade estão condenados. O diálogo precisa sempre estar respaldado pela humildade, afetividade e aprendizado mútuo.

As histórias das educandas da Educação de Jovens e Adultos têm em comum a luta, o esforço e a busca pela superação. Romper com a educação reprodutora do modo de produção capitalista e torná-la libertadora é um desafio do qual não podemos abrir mão e que nos torna sujeitos de esperança.

A palavra deve estar vinculada com a ação transformadora. Essas especificidades precisam ser desenvolvidas e incorporadas nas redes formais e não formais de educação, pois identificamos que essas experiências oxigenadoras ainda estão chegando às escolas da rede pública e privada.

Muitas vezes, as instituições, com suas respectivas gestões, ficam absorvidas em questões administrativas, deixando de lado a estruturação do eixo pedagógico nesta importante perspectiva amorosa, política e epistemológica.

A Educação de Jovens e Adultos enfrenta desafios como a não permanência das educandas na escola e as recorrentes interrupções de seu percurso escolar iniciado. Podemos indicar que um dos maiores desafios da Educação de Jovens e Adultos é possibilitar as educandas que permaneçam em seu percurso formativo escolar e não escolar. No entanto, para que isso aconteça é primordial que jovens, adultas e idosas sejam a centralidade de um projeto político pedagógico que contemplem as suas especificidades como pessoas. É nesse sentido que a produção de texto coletivo é a construção de uma política pública em nível micro e macro que contribua para uma real transformação social.

Esperamos que apreciem a leitura e que esta possa dialogar com sua experiência também.

Autoras: Maria Clarisse Vieira, Bruna Ferraz e Stella Pimenta Viana.